

# Relatório de **Asset Allocation** JUNHO 2026

Referente à reunião de Asset Allocation  
realizada no dia 2 de Junho de 2026

## Resumo da Visão do Comitê

Maio foi um mês marcado ainda pelo movimento de aversão a risco que tem tomado conta dos mercados globais desde o início da guerra no Oriente Médio, mas, ao mesmo tempo, por um descolamento entre os mercados internacionais e o local. Enquanto lá fora as bolsas voltaram a subir, impulsionadas principalmente pelo setor de tecnologia e pela expectativa de que os bancos centrais das economias desenvolvidas mantenham o processo de flexibilização monetária ao longo do ano, por aqui o Ibovespa caiu 7,20%, aos 173.787 pontos. O movimento refletiu um fluxo negativo de investimentos estrangeiros, além da queda de mais de 17% do petróleo no período, que pesou sobre as ações da Petrobras e de outras empresas ligadas a commodities.

Do ponto de vista da atividade econômica, os dados continuaram mostrando uma economia ainda resiliente: o PIB do primeiro trimestre avançou 1,1%, impulsionado principalmente pelo consumo das famílias - consequência tanto de um mercado de trabalho aquecido, quanto dos estímulos fiscais mais recentes dados pelo governo (como a isenção de IR para quem ganha até 2 salários-mínimos). Ao mesmo tempo, no entanto, os indicadores de crédito e endividamento mostram que essa resiliência ocorre em um ambiente de crescente fragilidade financeira das famílias, com mais de 80% dos domicílios declarando possuir algum tipo de dívida e com o comprometimento da renda permanecendo em patamares elevados.

A inflação também continua preocupando. Além das pressões recentes de energia, os últimos dados mostraram pressões concentradas também em alimentos e energia, com destaque para os efeitos indiretos da alta do petróleo sobre combustíveis, fretes e custos de produção. Além disso, a aproximação do verão no hemisfério norte reforça as preocupações em torno da demanda global por energia justamente em um momento em que os riscos de interrupção da oferta permanecem elevados. Como resultado, as expectativas de inflação voltaram a subir, tanto no Brasil quanto no exterior.

Neste contexto, o mercado passou a revisar as expectativas para a política monetária. A combinação de atividade econômica ainda forte, inflação pressionada e incertezas geopolíticas reduziu o espaço para cortes adicionais da Selic no curto prazo, levando a uma abertura da curva de juros ao longo do mês, que cada vez mais precifica juros mais altos por mais tempo. O dólar também apresentou valorização frente ao real, refletindo tanto o ambiente global mais cauteloso quanto a percepção de que os juros brasileiros deverão permanecer elevados por mais tempo. No fechamento do mês, a moeda era cotada a R\$ 5,0429, em alta de 1,82%.

Lá fora, o mês foi marcado pela continuidade do movimento positivo das bolsas, apesar do ambiente de elevada incerteza geopolítica. A despeito de um cenário geopolítico tenso, os principais índices acionários voltaram a subir no período, impulsionados principalmente pelas empresas de tecnologia e inteligência artificial - que seguem sustentando o apetite por risco mesmo em um cenário de juros elevados e desaceleração gradual da atividade. No fechamento do mês, S&P e Nasdaq acumulavam altas de 5,15% e 8,36%, respectivamente.

Do ponto da atividade, os indicadores mais recentes reforçaram a percepção de uma desaceleração apenas gradual da economia norte-americana. O mercado de trabalho segue resiliente, com geração de empregos ainda consistente, enquanto o consumo continua sustentado por uma renda real relativamente forte. Para se ter uma ideia, o payroll referente ao mês de maio apontou a criação de 172 mil postos de trabalho, enquanto o mercado esperava 88 mil vagas criadas – número que reforçou as dúvidas em relação a condução da política monetária no país.

Falando em política monetária, ainda, os dados de inflação seguem mostrando resistência, especialmente nos segmentos ligados a serviços e energia, refletindo tanto uma demanda ainda aquecida quanto os impactos indiretos da alta do petróleo sobre combustíveis e custos logísticos – e que devem piorar com a proximidade do verão. Em maio, CPI, PPI e PCE subiram, respectivamente, 3,8%, 6,0% e 3,8%, todos se distanciando da meta de 2,0% perseguida pelo Fed. Com isso, o movimento predominante foi de alta das Treasuries ao longo do mês, mas com uma queda considerável nos dias finais - acompanhando a queda do petróleo e a redução parcial das preocupações inflacionárias decorrentes do choque energético. A Treasury de 10 anos encerrou maio próxima de 4,40%, abaixo dos níveis observados no início do mês. O dólar também apresentou enfraquecimento moderado frente às principais moedas globais, com o índice DXY encerrando o mês abaixo de 99 pontos, refletindo uma combinação de menor aversão ao risco e realização de ganhos após a forte valorização observada nos meses anteriores.

## **A decisão de Asset Allocation**

Dito isso, o Comitê de Asset Allocation se reuniu em um ambiente marcado por uma piora da relação entre crescimento e inflação, com um cenário cada vez mais sensível para os mercados globais: inflação pressionada, juros elevados por mais tempo e atividade potencialmente mais fraca nos próximos trimestres. A combinação entre guerra no Oriente Médio, alta dos preços de energia e deterioração das expectativas inflacionárias fez com que os mercados passassem a revisar a trajetória esperada para a política monetária tanto nas economias desenvolvidas quanto no Brasil.

No cenário doméstico, embora o PIB do primeiro trimestre tenha surpreendido positivamente, com crescimento disseminado entre diferentes setores da economia, a leitura do Comitê é de que a atividade deve perder força ao longo do segundo semestre. A avaliação é de que a ausência de novos estímulos fiscais relevantes — especialmente de medidas com potencial de impacto direto sobre a renda disponível das famílias, como a ampliação da faixa de isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil — reduz a sustentação do consumo à frente. Além disso, o ambiente de juros elevados por um período prolongado tende a produzir efeitos mais significativos sobre uma economia já marcada por elevado comprometimento de renda e alto nível de endividamento das famílias, tornando consumo e crédito particularmente sensíveis às condições financeiras.

Do lado da inflação, o cenário também se tornou mais desafiador. Além das pressões já observadas em energia e combustíveis, o prolongamento da guerra mantém riscos importantes para as cadeias globais de oferta e para os preços internacionais de petróleo. Internamente,

cresce a preocupação com os impactos climáticos associados à possibilidade de formação de um novo El Niño no segundo semestre, fenômeno que historicamente pressiona preços de alimentos e aumenta a volatilidade inflacionária no Brasil. Neste contexto, as expectativas de inflação seguem deterioradas, limitando o espaço para cortes adicionais da Selic no curto prazo.

No ambiente externo, o principal foco dos investidores permanece concentrado na política monetária das economias desenvolvidas e na possibilidade de retomada de altas de juros por alguns dos principais bancos centrais do mundo. É o caso, por exemplo, do BCE, cuja reunião do próximo dia 11 já incorpora expectativa de alta de 25bps, para 2,25%. Discussões semelhantes também têm ocorrido em instituições como o Banco da Inglaterra, Banco do Canadá e Banco do Japão, refletindo preocupações crescentes com a persistência inflacionária decorrente da alta de energia. Nos Estados Unidos, embora o Federal Reserve ainda não tenha sinalizado explicitamente uma retomada do ciclo de aperto monetário, os dados mais fortes de mercado de trabalho e inflação fizeram com que parte do mercado passasse a precificar uma nova alta de juros ainda em 2026. Na visão do Comitê, contudo, este movimento parece menos provável do que nas demais economias desenvolvidas, tanto em função da mudança recente no comando do Fed quanto pelo fato de os juros norte-americanos já se encontrarem em patamar significativamente restritivo.



## Projeções Macroeconômicas

Diante do exposto, estabeleceu-se o seguinte cenário-base:

### Taxa Selic

2026		2027	
Anterior	Atual	Anterior	Atual
12,75%	13,50%	10,50%	11,00%

### Inflação (IPCA)

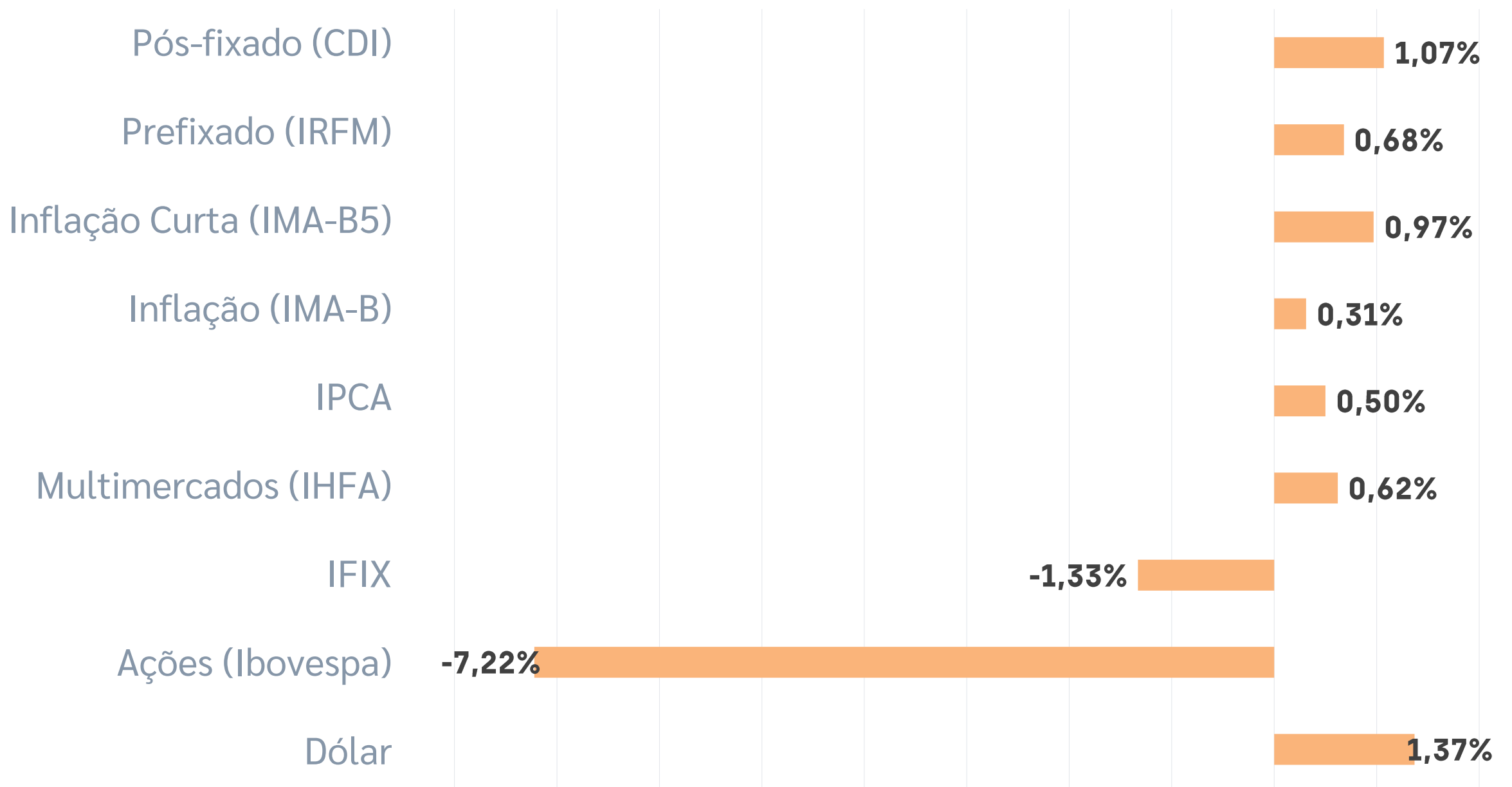
2026		2027	
Anterior	Atual	Anterior	Atual
4,80%	5,10%	4,00%	4,00%

### PIB

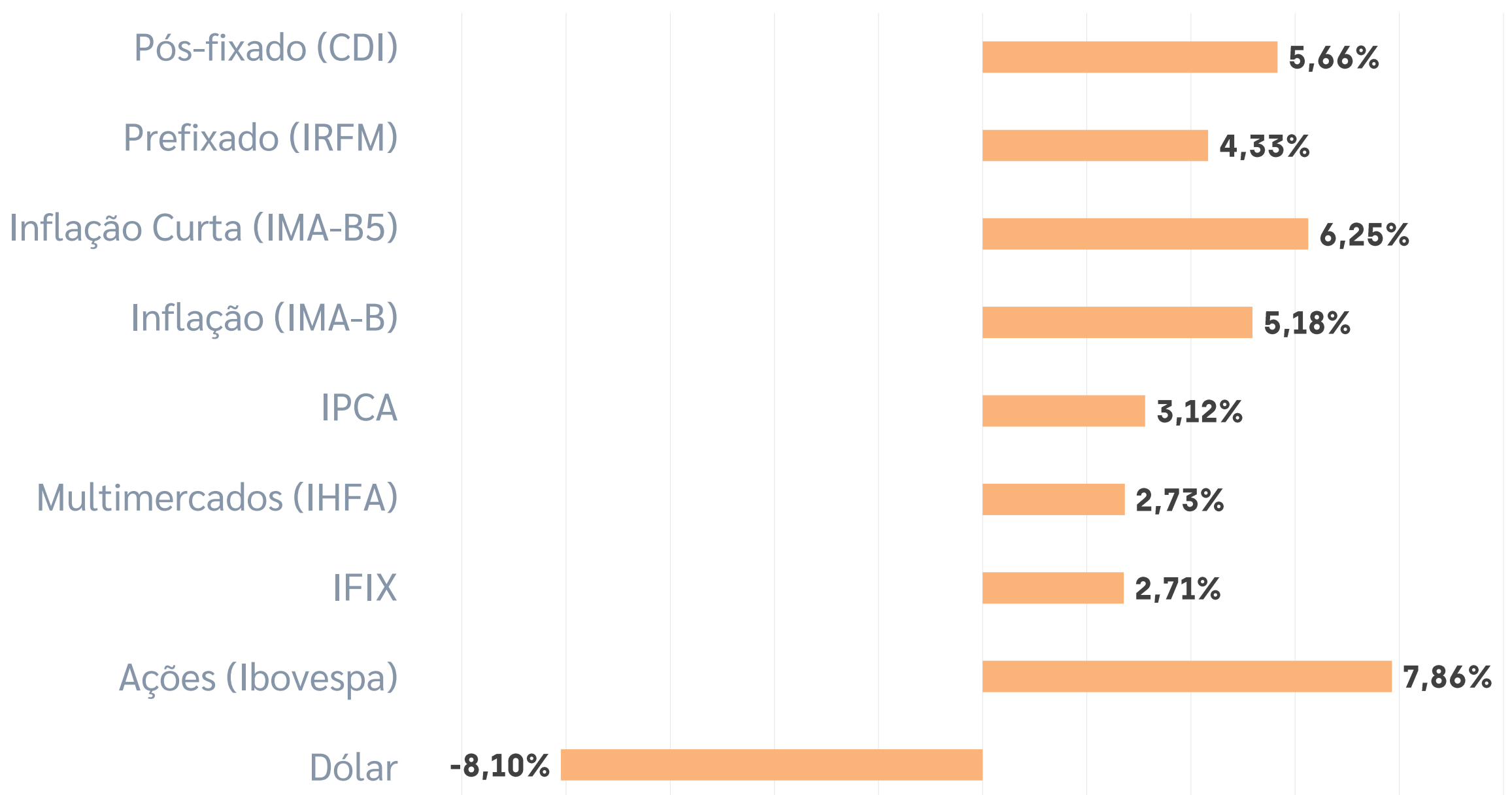
2026		2027	
Anterior	Atual	Anterior	Atual
1,85%	1,85%	1,80%	1,80%

## Desempenho das Classes de Ativos Locais

### Desempenho no Mês de Maio

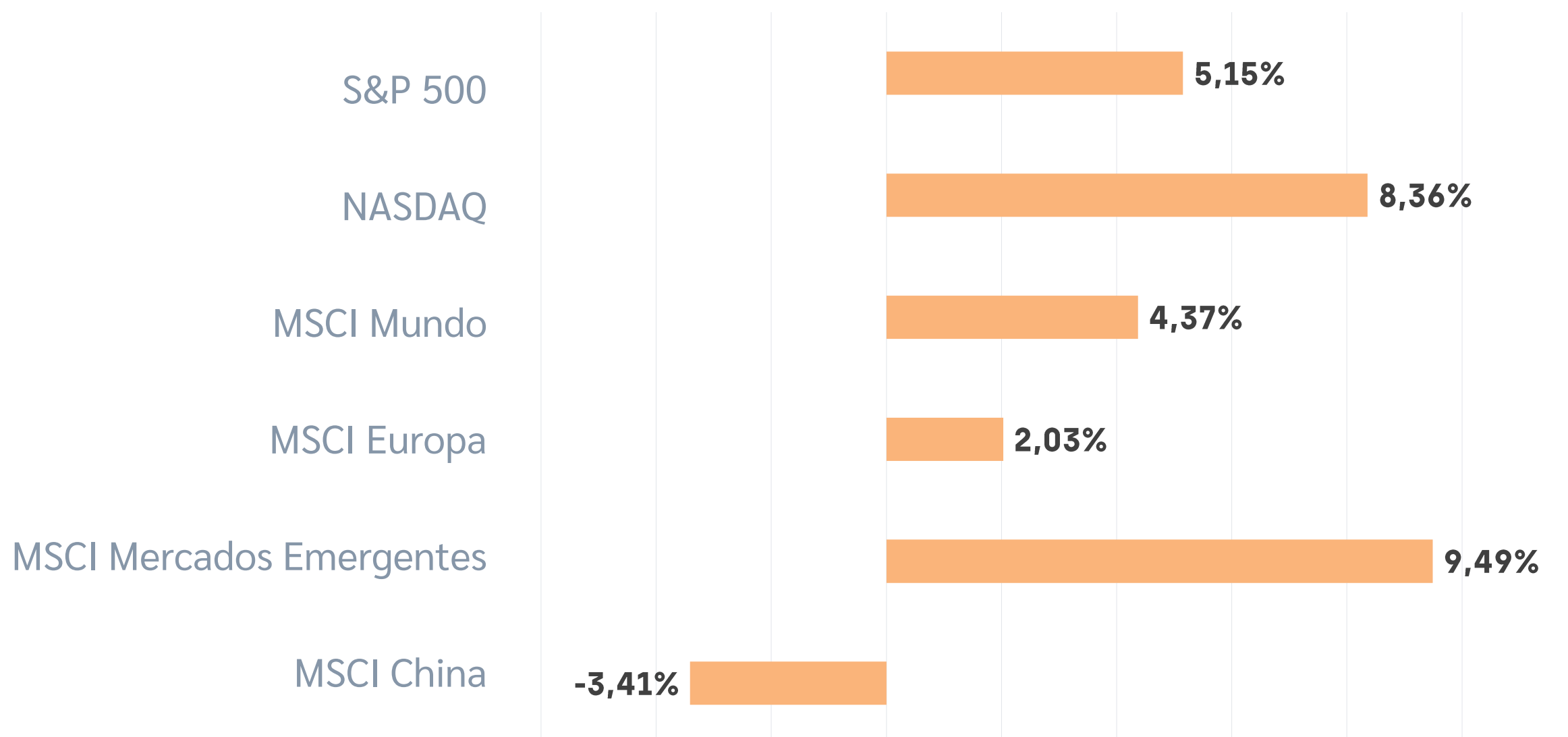


### Desempenho em 2026

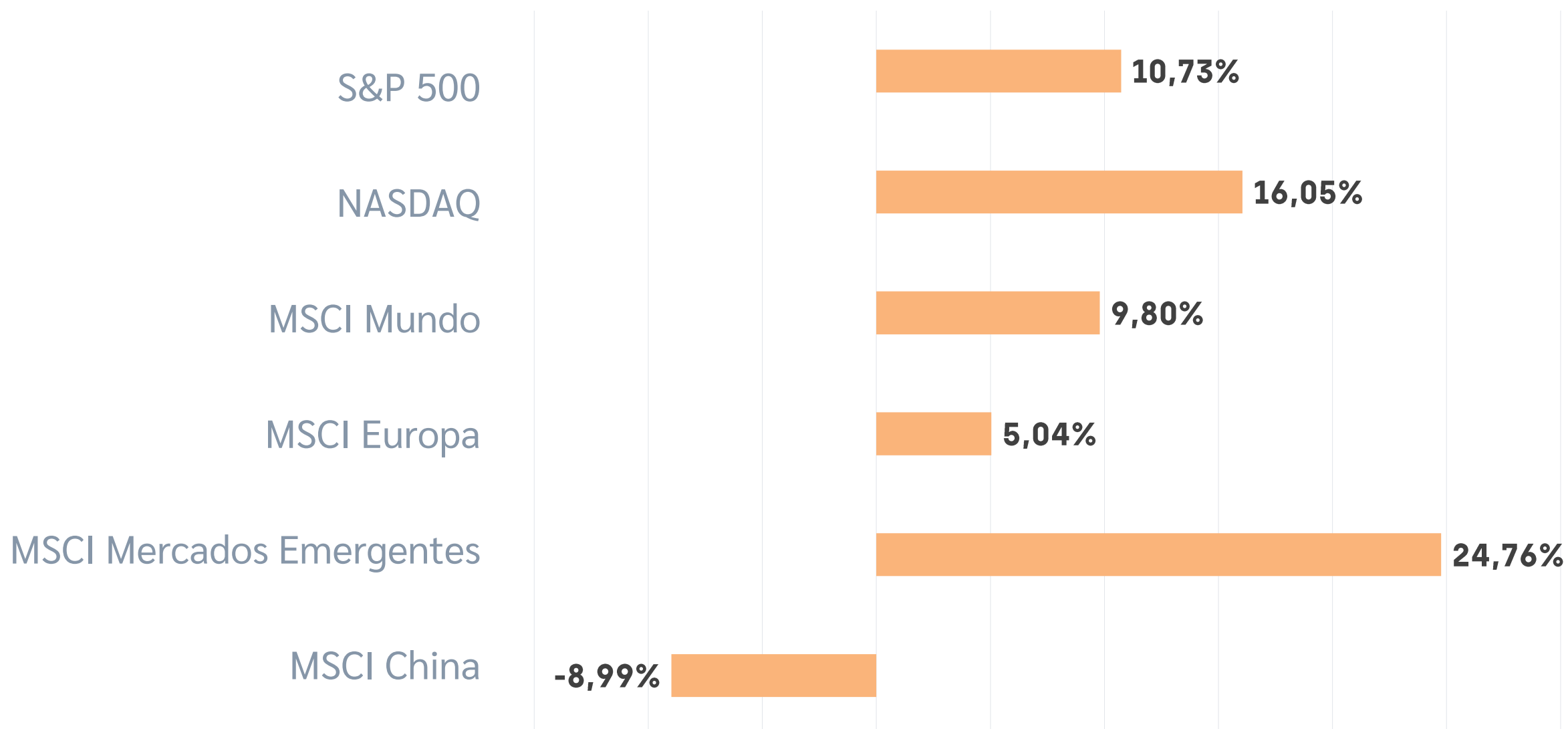


## Desempenho das Bolsas Globais

### Desempenho no Mês de Maio



### Desempenho em 2026





## Mudanças de Alocação Mensal

	MAIO	JUNHO
Renda Fixa	<b>0</b>	<b>0</b>
Pós-Fixado	<b>-1</b>	<b>0</b>
Prefixado	<b>+1</b>	<b>+1</b>
Inflação	<b>+1</b>	<b>+1</b>
Internacional	<b>+1</b>	<b>0</b>
Multimercado	<b>-1</b>	<b>-1</b>
Renda Variável	<b>0</b>	<b>0</b>
Brasil	<b>+1</b>	<b>0</b>
Internacional	<b>-1</b>	<b>0</b>

## Visão por Classe e Subclasse de Ativo

### 1. Renda Fixa



O comitê manteve seu posicionamento em **Neutro (0)**. Para as subclasses:

#### A) Renda Fixa (Pós-Fixado)



Para os ativos pós-fixados, elevamos nossa recomendação de Underweight (-1) para **Neutro (0)**. A redução da exposição em classes de maior risco acabou favorecendo a alocação nessa classe, que segue extremamente atrativa diante do atual patamar de juros doméstico.

#### B) Renda Fixa (Prefixado)



Mantivemos nossa visão em **Overweight (+1)**. A precificação da curva de juros prefixada segue bastante estressada e, em nossa avaliação, ainda mais atrativa do que no mês anterior, quando já enxergávamos boas oportunidades na classe.

## C) Renda Fixa (Inflação)



Aumentamos nosso posicionamento em **Overweight (+1)**. Com taxas de retorno bastante atrativas, superiores a IPCA + 7,0%, e diante da elevação das expectativas de inflação de curto prazo, optamos por manter nossa exposição à classe, apesar de o cenário continuar exigindo cautela.

## D) Renda Fixa (Internacional)



O comitê de investimentos reduziu seu posicionamento de Overweight (+1) para **Neutro (0)**. Apesar de considerarmos o nível atual de juros nos Estados Unidos atrativo, entendemos que o Federal Reserve pode ser levado a elevar novamente as taxas nos próximos meses, diante da persistência da inflação e da resiliência da atividade econômica.

## 2. Renda Variável / Ações

Mantivemos nossa recomendação **Neutra (0)** em Renda Variável.



## A) Ações (Brasil)



Reduzimos nossa recomendação de Overweight (+1) para **Neutro (0)** para a Bolsa brasileira. Nas últimas semanas, o fluxo de capital estrangeiro para o Brasil tem se mostrado bastante negativo, em contraste com outros mercados emergentes mais expostos ao setor de tecnologia, como a Coreia do Sul. Até o momento, não identificamos sinais claros de reversão desse movimento no curto prazo.

## B) Ações (Internacional)



Elevamos nossa visão de Underweight (-1) para **Neutro (0)**. A bolsa americana continuou se beneficiando de um fluxo expressivo direcionado para empresas de tecnologia, movimento que ganhou força após a divulgação dos resultados do primeiro trimestre pelas principais companhias do setor.

## 3. Multimercados



Reduzimos nossa visão em **Underweight (-1)** para a recuperação da classe. Maio foi mais um mês desafiador para os fundos multimercados e a comparação com os retornos oferecidos pela renda fixa, especialmente os ativos isentos, continua tornando a competição com a renda fixa isenta deixa a classe pouco atrativa para o investidor individual.



## 4. Cambial

A diversificação cambial voltou a trazer benefícios no mês passado, com a cotação do dólar retornando para níveis acima de R\$ 5,00. Além disso, a proximidade do ciclo eleitoral tende a aumentar o grau de incerteza no ambiente político doméstico. Diante desse cenário, estratégias de proteção e diversificação seguem desempenhando um papel fundamental na construção das carteiras.

## Alocações B.Side Investimentos (em %)

	PERFIL 1		PERFIL 2		PERFIL 3		PERFIL 4		PERFIL 5	
	estrutural	tática	estrutural	tática	estrutural	tática	estrutural	tática	estrutural	tática
<b>Renda Fixa</b>	<b>100.0</b>	<b>100.0</b>	<b>93.0</b>	<b>95.0</b>	<b>77.5</b>	<b>80.0</b>	<b>50.5</b>	<b>53.5</b>	<b>38.5</b>	<b>42.0</b>
Pós-Fixado IMA-S	<b>84.5</b>	<b>83.5</b>	<b>70.0</b>	<b>67.5</b>	<b>48.0</b>	<b>45.0</b>	<b>13.0</b>	<b>10.0</b>	<b>5.0</b>	<b>3.0</b>
Inflação IMA-B	<b>13.5</b>	<b>13.5</b>	<b>16.0</b>	<b>18.0</b>	<b>18.5</b>	<b>21.0</b>	<b>26.5</b>	<b>29.5</b>	<b>30.5</b>	<b>34.0</b>
Inflação Curto IMA-B 5	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Inflação Médio IMA-B	-	13.5	-	18.0	-	21.0	-	29.5	-	34.0
Inflação Longo IMA-B 5+	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Prefixado IRF-M	<b>2.0</b>	<b>3.0</b>	<b>7.0</b>	<b>9.5</b>	<b>11.0</b>	<b>14.0</b>	<b>11.0</b>	<b>14.0</b>	<b>3.0</b>	<b>5.0</b>
Pré Curto (0-3) IRF-M 1	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Pré Médio (3-6) IRF-M	-	3.0	-	9.5	-	14.0	-	14.0	-	5.0
Pré Longo (6-10) IRF-M 1+	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Internacional S&P US Bonds	-	<b>0.0</b>	-	<b>0.0</b>	-	<b>0.0</b>	-	<b>0.0</b>	-	<b>0.0</b>
<b>Multimercado IHFA</b>	<b>0.0</b>	<b>0.0</b>	<b>4.0</b>	<b>2.0</b>	<b>13.0</b>	<b>10.5</b>	<b>18.0</b>	<b>15.0</b>	<b>18.5</b>	<b>15.0</b>
<b>Renda Variável</b>	<b>0.0</b>	<b>0.0</b>	<b>3.0</b>	<b>3.0</b>	<b>9.5</b>	<b>9.5</b>	<b>31.5</b>	<b>31.5</b>	<b>43.0</b>	<b>43.0</b>
Brasil IBOV	0.0	0.0	1.0	1.0	3.0	3.0	13.5	13.5	18.0	18.0
Internacional	0.0	0.0	2.0	2.0	6.5	6.5	18.0	18.0	25.0	25.0
EUA S&P 500	-	0.0	-	2.0	-	6.5	-	18.0	-	25.0
China MSCI China	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Europa MSCI EU	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Global MSCI	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
EM MSCI EM	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0	-	0.0
Exposição em USD	-	0.0	-	0.0	-	0.4	-	1.6	-	2.0
Volatilidade	1.0		2.5		3.9		7.1		10.1	
Drawdown Joesley Day	-1.1		-2.5		-3.4		-6.2		-8.5	
Drawdown Greve Caminh.	-0.3		-1.5		-2.5		-5.0		-7.3	
Drawdown Covid-19	-1.8		-6.2		-9.9		-18.8		-27.0	

## Disclaimer

---



*O conteúdo desse material não pode ser reproduzido, publicado, copiado, divulgado, distribuído, resumido, extraído ou de outra forma referenciado, no todo ou em parte, sem o consentimento prévio e expresso da B.Side Investimentos. O conteúdo desse material foi gerado consoante as condições econômicas, de mercado, entre outras, disponíveis na data de sua publicação, de modo que as conclusões apresentadas estão sujeitas a variações em virtude de uma gama de fatores sobre os quais a B.Side Investimentos não tem qualquer controle. As informações desse material refletem as condições mercadológicas na sua respectiva data de divulgação, sendo que eventos futuros podem prejudicar suas conclusões.*

*As informações contidas nesta apresentação são meramente informativas e não podem ser consideradas como recomendação de investimento ou única fonte de informações no processo decisório do investidor, que, antes de tomar qualquer decisão, deverá realizar uma avaliação minuciosa do produto e respectivos riscos, face aos seus objetivos pessoais e ao seu perfil de risco ("Suitability"). RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. Assim, não é possível prever o desempenho futuro de um investimento a partir da variação de seu valor de mercado no passado. A B.Side não assume que os investidores vão obter lucros, nem se responsabiliza pelas perdas.*

